



# Cogitações e Versões do Texto Freudiano

Reflexão

---

**Ignácio Paim Filho**

Psicanalista, Membro Pleno do CEPdePA,  
Membro Associado da SBPdePA.

## 1 Introdução

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado [...] (FREUD, 1920, p. 39).

Tecer comentários sobre o trabalho produzido por colegas é uma tarefa de um trabalho psíquico significativo. Afinal, refere-se ao esforço que exige de cada sujeito o confrontar-se com o desafio de criar um texto, e no nosso caso não é um simples texto e, sim, um texto que tem por pretensão repensar a vasta obra freudiana. Nesse sentido, os colegas que se envolveram com essa árdua missão de delinear os relatórios, que, como sabemos, está sob o jugo do impossível, merecem toda a nossa consideração e agradecimento.

Tenho a expectativa de que possamos brincar com suas versões, bem ao estilo de Freud, ou seja, que possamos nos deixar invadir pelo fantasiar metapsicológico (FREUD, 1937) ou, ainda, pensar que nossas ideias são meras especulações.

Estamos diante de três relatórios que, como dissemos, são três versões, que abordam, sob diferentes ângulos, as teses freudianas. Pretendo levantar algumas questões que me foram suscitadas no decorrer dos meus encontros e desencontros com esses textos. Desde um olhar macroscópico, podemos dizer que o relatório da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) faz um recorte dos momentos cruciais do desenvolvimento do pensar de Freud, utilizando como metáfora a ideia das quatro viradas, fazendo um apanhado da invenção do desejo à proble-

mática da cisão. Parece-me que esse escrito pode ser compreendido como um texto que dará fundamentos às ideias desenvolvidas pelos outros dois relatórios. No da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) nos encontramos com o aprofundamento de conceitos, como: narcisismo e sua relação com a contemporaneidade; o Eu realidade inicial e o Eu prazer purificado e suas manifestações psicopatológicas; masoquismo erógeno e suas vicissitudes, podendo ainda ser acrescentada a questão da herança arcaica e suas relações com a ontogênese e a filogênese. Nesse relatório, encontramos uma abertura para um possível diálogo com a representante maior da Ciência da natureza, a biologia. Quanto ao da SPPel, temos abordado a questão pulsional, suas repercussões representacionais, a problemática do afeto e suas incursões na questão do traumático. Nesse, os autores avançam, vendo a necessidade do aporte de outros pensadores para buscar equacionar a questão do afeto, bem como as chamadas patologias atuais.

Buscando desenvolver um olhar circunscrito sobre essas versões do texto freudiano, sou tomado por interrogantes e/ou constatações. Vejamos algumas cogitações.

## 2 Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre

No relatório da SBPdePA, temos um texto rico, em termos de nos situarmos na obra freudiana, contudo, sente-se falta de maior profundidade, ou seja, temos uma série de informações, porém nenhum tema é desenvolvido com maior abrangência. Por exemplo, os autores poderiam ter escolhido focar com maior precisão o que eles chamam de desafio contemporâneo, que consiste em pensar o não recalcado, o arcaico, as impressões precoces e suas relações com o processo de cisão, visando fornecer os subsídios que encontramos em Freud para desenvolver essas ideias. Nesse sentido, o texto perdeu a oportunidade de explicitar as contribuições freudianas, de forma mais pontual, para instrumentalizar teórico-tecnicamente o analista diante do universo enigmático da clínica cotidiana. Especialmente, por vivermos em tempos que se propagam, de forma não consistente, as **limitações do pensar freudiano**, isto diante de um cenário cultural em que predomina o déficit do recalque, e não as **limitações dos analistas** de dialogar de forma analítica/vertical, e não

sintética/horizontal com o legado freudiano. Uma indagação para provocar reflexões: **Qual o lugar na clínica contemporânea para as recomendações freudianas de 1912-1915?**

### 3 Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

O relatório da **SPPA** pode ser dividido em dois tempos. No primeiro, encontramos uma articulação muito consistente das ideias freudianas que despertam no leitor o desejo de seguir viajando com o autor. Contudo, em particular, a partir do terceiro parágrafo da página oito, inicia-se uma viagem marcada pela sensação de que o texto vai perdendo em vitalidade. Nesse sentido, destaco a seguinte pergunta feita pelo autor: “**Teriam os biólogos contemporâneos algo a contribuir com as teses freudianas?**”. Do que nos fala essa indagação? Estaríamos, novamente, buscando validade às nossas teorias em outra ciência? Penso que não, pois o próprio autor, na parte inicial do seu texto (p. 2), diferencia o objeto de estudo da psicanálise, por exemplo, da neurologia. Entretanto, toda a segunda parte versa sobre as descobertas da biologia e sua relação com os postulados de Freud. Tenho a impressão de que esse escrito, no seu segundo tempo, está impregnado com o desejo de biologizar a metapsicologia freudiana; se assim o for, poderíamos considerar isso um avanço ou um retrocesso? O autor se apoia de forma relevante em algumas ideias de Freud sobre a relação entre a biogenética e o desenvolvimento do ser humano – filogênese/ontogênese.

Entretanto, quando me deparo com essa postura freudiana, que julgo um limite da sua capacidade criativa, percebo que ela normalmente surge em momentos em que Freud tem que se confrontar com os limites da sua ciência. Ciência essa que postulo como a ciência *Unheimliche*, que se caracteriza por uma duplicidade paradoxal: pertence e, ao mesmo tempo, não pertence às ciências da natureza, como também pertence e não pertence às ciências humanas. Sendo assim, sua real pertinência se faz ao criar um terceiro espaço, que inaugura um lugar inédito, o lugar do sinistro. Nesse sentido é como se Freud buscasse apoio no neurofisiologista que jaz em sua pré-história, para seguir pensando o impensável. Um bom exemplo dessa demanda vamos encontrar no trabalho de 1920, *Além do Princípio do Prazer*, onde Freud vai buscar ancoragem na biologia para poder pensar o enigma da pulsão de morte. Penso que essa ideia pode ser

corroborada pelas diferenças que encontramos entre o texto de 1920 e o de 1930, *O Mal-Estar na Cultura*, no qual nos deparamos com a pulsão de destrutividade livre das amarras do referencial biológico. Entretanto, instigado pelas ressonâncias desse relatório, recorro a premissa básica enunciada por Freud em 1913 (minha versão), em seu mito científico, *Totem e Tabu*: o homem rompe com seu estado de natureza e cria uma nova ordem, a saber, a cultura. Essa, sustentada na proibição do incesto e do parricídio, que determina o destino do bicho homem: de ser um eterno estrangeiro no meio do qual é originário – a natureza.

Desde essa perspectiva, compreendo que a filogênese repete a ontogênese mais além da questão genética, mas, sim, pela herança arcaica que está a cargo dos processos identificatórios. Quando percorro esse caminho, penso no lugar do objeto, nas figuras parentais, com seu universo inconsciente, como portadores da pré-história do sujeito, bem como da cultura. A título de estímulo para o nosso debate, deixo uma pergunta: **Teriam as teses freudianas algo a contribuir com os biólogos contemporâneos?**

#### 4 Sociedade Psicanalítica de Pelotas

O relatório da **SPPel** tem por meta repensar a questão do afeto, tema de suma importância para o pensamento psicanalítico. Os autores começam o desenvolvimento de suas ideias a partir de uma pergunta, que entendo revelar um estilo criativo e que tem uma boa sintonia com a proposta maior da psicanálise, que é de nos deixar guiar pela nossa capacidade de criar interrogações. Principalmente quando sabemos que nosso saber está sempre atravessado por um não saber, que o conceito de pulsão de morte, em especial, revela. Retomando a pergunta título do trabalho: “O afeto que Freud nos legou (e o que fizemos com ele?)”. Diante dessa indagação, a primeira resposta que me ocorreu foi: estudar. Num segundo momento: estudar novamente. Por fim, seguir estudando.

Os autores fazem uma crítica, dizendo que Freud estudou muito pouco a questão do afeto, que investiu mais no representante ideativo, nas representações, em detrimento do representante psíquico (*Affekt*). É uma ideia; para dizermos isso, porém, não deveríamos, em primeiríssimo lugar, visitar em profundidade o pensamento freudiano sobre essa temática? Por exemplo, os autores não fazem uma diferenciação fundamental en-

tre o afeto (*Affekt*), enquanto representante da pulsão, entendido no seu duplo sentido, que remete a momentos distintos de um mesmo processo – possui um aspecto quantitativo e um aspecto qualitativo – e a “quota de afeto” (*Affektbetrag*), pura intensidade. Outro fato desconsiderado pelos colegas foi a relação intrínseca entre afeto e desejo. Relação implicada na dinâmica propulsora da psique e na manifestação afetiva (sentimento) no âmbito do pré-consciente/consciente. Falando em destino, é chamativo o quanto não foram explorados, ou antes, foram pouco explorados os textos centrais de Freud sobre essa temática, como por exemplo, o artigo de 1915, *O Inconsciente*, em que vai explicitar textualmente as vicissitudes do afeto (*Affekt*). O trabalho *O Recalque* (1915), no qual encontramos os destinos do afeto nas diferentes estruturas clínicas neuróticas e, por último, o texto de 1926a, *Inibição, Sintoma e Angústia*, que pode ser considerado o escrito mais significativo sobre a questão do afeto depois da II Tópica (angústia sinal – angústia automática, e deixa aberta a possibilidade de se pensar uma angústia originária, ligada ao desamparo).

Encerrando, assinalo que os autores falam das patologias ditas atuais sem ocupar-se das contribuições freudianas que dão sustentabilidade às teses dos autores pós-freudianos que estudam essa temática. Refiro-me aos conceitos de: pulsão de morte, narcisismo/destrutividade, os traumas precoces, o não representável, aos modos de negar a força da pulsão... Uma última observação: não esqueçamos de que todo o analista deveria ser tributário do construto teórico que dá consistência à sua ciência, a ciência do inconsciente. Sendo assim, lanço uma interrogação para discussão: **Onde estaria a representabilidade do afeto?**

Concluídas as minhas cogitações, ou especulações, espero que possamos não somente nos sentir estimulados a seguir refletindo as ideias de nossos relatores, mas também estimulados a retomar o estudo em profundidade do pensamento de Freud, tendo por meta fazer falar a letra freudiana, dentro de um referencial reflexivo que nos suscite o desejo de criar ou, ainda, de ser um descobridor. Nesse sentido, deixo como um possível indicador as seguintes palavras proferidas pelo criador da psicanálise em 1926:

Eu repito, porém, que nós estamos no início. Sou apenas um iniciador. [...] Mas ali onde descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes (FREUD, 1926, p. 125).

## Referências

FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: **Escritos da psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. II.

\_\_\_\_\_. (1926). O valor da vida: Uma entrevista rara de Freud. In: **Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Antônio Paim Falcetta

---

Ignácio Paim Filho  
Rua Felipe Néri, 457/401  
90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: paimiga@terra.com.br